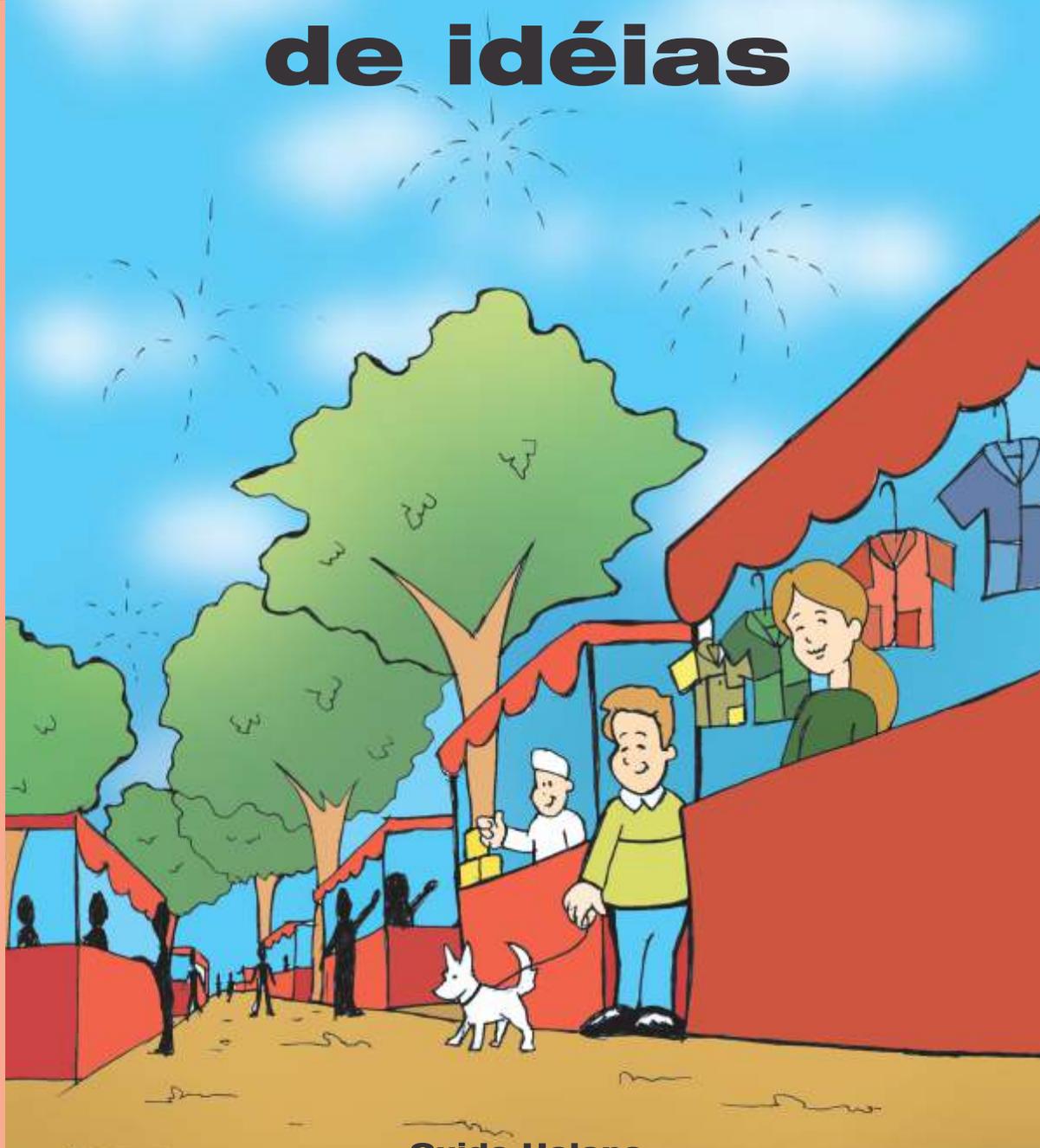




Série

Educação e Cidadania

Uma feira de idéias



Guido Heleno

Ilustrações
J. Rafael
Bia Melo



Série Educação e Cidadania

Uma feira de idéias



*Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

*Prefeitura Municipal de Patos de Minas
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

Série Educação e Cidadania

Uma feira de idéias



Guido Heleno

Ilustrações

**J. Rafael
Bia Melo**

Embrapa Informação Tecnológica

Brasília, DF

2004

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

Embrapa Informação Tecnológica

Parque Estação Biológica (PqEB), Av. W3 Norte (final)
CEP 70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
vendas@sct.embrapa.br
www.embrapa.br/liv

Coordenação editorial

Edson Junqueira Leite
Lucilene Maria de Andrade

Edição e consultoria pedagógica

Elisa Guedes Duarte

Co-autoria e orientação técnico-pedagógica

Gisele Santos Damasceno
Marluci Maria Castro

Revisão de texto

Corina Barra Soares

Projeto gráfico da série e capa

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

1ª edição

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares

2ª impressão (2008): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2004): 1.500 exemplares

Edição especial para o Convênio Incra/Faped/Embrapa (2006): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2007): 1.088 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero – Quilombolas* Aditivo (2010): 380 exemplares

Prefeitura Municipal de Patos de Minas

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Rua Tenente Bino, 32, sala 11
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG
Fone: (34) 3822-9660
Fax: (34) 3822-9676
semec@patosdeminas.mg.gov.br

Coordenação do Projeto EdufaRural

Gisele Santos Damasceno
Supervisora Educacional

Marluci Maria Castro
Professora

Concepção do Projeto EdufaRural

Vicente Guedes

Elaboração do Projeto EdufaRural Original

Sérgio Celani Leite

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Embrapa Informação Tecnológica

Heleno, Guido.

Uma feira de idéias / Guido Heleno; ilustrações de J. Rafael, Bia Melo.—
Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

35 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-264-9

1. Educação rural. I. Rafael, J. II. Melo, Bia. III. Título. IV. Série.

CDD 370.91734 (21.ed.)

© Embrapa 2004

Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Cooperar, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro, não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

Clayton Campanhola
Diretor-Presidente da Embrapa

José Humberto Soares
Prefeito de Patos de Minas

Aos alunos

Aluno-personagem

*Este livro traz
retratos da vida
das coisas corriqueiras às mais ousadas
que vão tecendo a história
que vão contando histórias...
Deixe-se envolver
confundir-se
com essas tantas pessoas
que nele habitam...
Tudo é permitido:
vibrar com suas conquistas
chorar – mesmo que às escondidas
por qualquer motivo
que aflore a emoção
franzir a testa
nos momentos de desafios...
E tocar em frente:
fazendo
refazendo
somando
atando
desatando
partilhando...
Viaje por esse mundo!
Desvende
Vivencie
Descubra
Recrie
Se assim o desejar...*

Marluci Castro

“Não há nada como o sonho para criar o futuro.
Utopia hoje, carne e osso amanhã.”
Victor Hugo



Lembranças e presente

Sentada na soleira da porta, observando o jardim bem cuidado e a quietude de Campo Largo naquele domingo, ouvindo a incansável máquina de costura em que Pê, de ponto em ponto, cosia roupas e sonhos, Rubi relembrava momentos da infância.

— Rubi, sua irmã está chorando. Venha brincar com ela, para que eu possa terminar o almoço.

A voz da mãe e o choro manhoso de Penélope invadiram suas lembranças e um sorriso começou a desenhar-se no rosto.

Quase podia tocar novamente as bonecas e os outros brinquedos que, espalhados pelo chão do quarto, atraíam a pequenina Pê, que começava a balbuciar “gugus” e “dadás”.

Bons tempos aqueles da infância! Com cinco anos, era uma babá carinhosa e dedicada. Naturalmente, foi crescendo devagar, dia após dia, mas hoje tudo lhe parece ter ocorrido do dia para a noite.

Aquela vida, cercada de mangas, jabuticabas, laranjas e abacates, de brincadeiras no quintal, colheitas na horta, cavalgadas na fazenda do avô, foi sendo substituída pela labuta na cozinha, no trato das criações, na usina artesanal de queijo e requeijão e, por fim, pelos livros, pelos estudos e pela escola, em que hoje leciona português.

E não pôde deixar de se entristecer ao pensar na situação da família.

O pai, seu Aristides, há uns bons anos, vira-se obrigado a vender a parte que lhe coubera das poucas terras de herança de família. Quando seu Luís, o patriarca, faleceu, os dois irmãos mais novos, ainda solteiros, quiseram vender a propriedade para tentar a vida na cidade. Sendo pequeno o seu quinhão, sobrou-lhe apenas o dinheiro para comprar uma modesta casa em Campo Largo e um velho carrinho, além de uma pequena reserva que aplicara na poupança. Continuaria a lida no campo, mas prestando serviços na colheita do café, fazendo um bico aqui, outro ali, até conseguir um emprego fixo em alguma fazenda da região. Eulina, sua mulher, por sua vez, ajudaria a desmanchar mandioca, fazer farinha e polvilho, arrumar porco e vaca, enfim, também seria uma prestadora de serviços para as pessoas da redondeza. Quanto às filhas, Rubi e Penélope, pareciam mesmo não ter vocação para pegar no cabo da enxada.

Hoje, Rubi já está “encaminhada na vida”. Seu salário de professora oferecia uma certa tranquilidade à família. Penélope também já se mantinha com suas costuras.

Entretanto, todos alimentavam o sonho de voltar a morar e produzir nas próprias terras.

Morando no povoado, a vida das irmãs resumia-se em trabalho.

Campo Largo era um pouco de tudo: poucas ruas, poucas casas, poucas oportunidades de ocupação formal, principalmente para os jovens, e pouca gente que, graças à solidariedade entre elas, dava à localidade a impressão de uma grande casa que abrigava uma grande família.

O povoado vivia sob a influência das idéias associativas e empreendedoras de Cerradinho, a sede do distrito, situada a uns 10 quilômetros dali.

É lá na Escola Municipal Caminhando e Construindo que Rubi trabalha. E foi lá, também, que as coisas começaram a mudar desde o momento que a Prefeitura de Lagoa dos Patos começou a desenvolver o Programa de Geração de Renda, Emprego e Desenvolvimento Integrado, o Progerar, cuja finalidade é disseminar uma nova cultura cooperativa e empreendedora. As escolas do meio rural passaram a desenvolver projetos de educação familiar: construindo currículos participativos, contextualizando a educação, valorizando os saberes locais e incentivando formas de intervenção e solução para os desafios impostos pelo desenvolvimento sustentável e pelas novas dinâmicas do mercado. Os novos tempos exigem conhecimento, criatividade, esforço e compromisso pessoal.

“Assim é a vida!”, resumiu Rubi, levantando-se e se encaminhando para a sala de costura da irmã.

— Pê, não vai dar uma paradinha?! Você não está exagerando?

— Não, Rubi, a freguesa que atendo hoje é especialíssima! Mas, neste exato momento, termino o serviço: uma blusa de retalhos pra você! Quero vê-la bem vestida. E irmã de costureira acaba virando cabide – brincou Penélope, admirando a irmã e a blusa a sua frente.



— Então, a blusa não é um presente, mas um brinde promocional! – disse Rubi sorrindo e abraçando a irmã.

Na manhã do dia seguinte, Rubi, como em todos os dias, encontrou-se com a colega Claudina, no ônibus escolar. Além de serem professoras na mesma escola, são amigas de infância. Claudina mora na fazenda Diamante e, juntamente com Rubi, trilhou os caminhos para Lagoa dos Patos, buscando a profissão almejada desde criança.

— Rubi, tenho uma novidade para contar... Ananias me pediu em casamento!

— Que maravilha! Como foi isso?

— Contenha sua curiosidade, amiga, na volta falaremos mais sobre esse assunto. Quero agora conversar com você sobre a reunião de logo mais. Você teve alguma idéia?

Aquele era realmente um dia importante, pois se iniciava uma ação de mobilização de toda a escola visando ao desenvolvimento local.

Tudo começou quando Ester, uma das alunas da Caminhando e Construindo, contou sobre uma cidade que havia promovido O Dia do Campo em Ação e perguntou por que não tentavam algo assim em Campo Largo. Joel, o professor de história, residente na própria Cerradinho, ouviu e levou aquela idéia aos demais professores e à diretora Pilar. Logo a idéia tomou força e transformou-se em proposta: fariam também em Cerradinho um dia de atitudes!

Portanto, naquela segunda-feira, educadores, alunos e representantes dos Conselhos de Desenvolvimento Comunitário da vila e dos diversos povoados circunvizinhos se reuniram para pensar ações que pudessem ser realizadas em prol do desenvolvimento daquele distrito.

Lucilene, aluna do quarto ano, foi a primeira a anunciar uma sugestão: um mutirão para fazer o calçamento dos arredores da igreja de Campo Largo. O professor César sugeriu uma grande festa popular, como alternativa de lazer.

— César, você é mesmo festeiro, não?

— É, Claudina, festas populares me agradam muito e é ainda uma oportunidade de homenagear os talentos da região.

— Por falar em talentos locais, não podemos nos esquecer de Penélope. Como ela poderia apresentar seu dom numa festa popular? – lembrou dona Olga, a supervisora da escola.

— E Pê tem se esmerado cada vez mais. Está cada dia mais criativa e arrojada. É pena que nossa região não ofereça muitas oportunidades...

— Ela pode promover um desfile de moda em Campo Largo ou mesmo aqui, em Cerradinho.

— Tive uma idéia! – interrompeu Rubi, tão eufórica que parecia mesmo ter sido iluminada.

Todos olharam admirados para a professora, pois ela costumava ser bem ponderada. Esperavam por algo inusitado.

— Diz logo, professora – socorreu Ester, ao perceber o embaraço de Rubi.

— Gente, desculpem-me por interromper dessa forma, mas realmente acho que tive uma boa idéia. Vejam: Cerradinho é um distrito progressista, reconhecido pelas ações ousadas de sua gente. Se a nossa vila puder ser palco de uma feira de agronegócios...



— Rubi, você é fantástica! Que idéia! Uma feira onde todos da própria vila e dos povoados pudessem expor seus negócios. E mais: sua irmã poderia promover o desfile de moda.

— E ainda arrecadar dinheiro suficiente para o calçamento da igrejinha! – reforçou Lucilene sua sugestão.

E as idéias brotavam e rebrotavam.

Professores que residiam em Lagoa dos Patos lembravam-se de empresas que poderiam patrocinar eventos e até expor máquinas e insumos que comercializavam ou produziam.

Gente das comunidades lembrava, oportunamente, dos resultados dos vários cursos realizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o Senar.

— Desde que a dona Mercês fez aquele curso de pintura em tecido aqui na escola, não lhe faltaram encomendas de panos de prato. Ela pode mostrá-los na feira, não é?

— Seu Édson, será uma boa oportunidade para dona Mercês fazer novos contatos e, com isso, aumentar as vendas – assentiu o professor Joel.

— O Senar ministrou muitos cursos: de bordado; produção de doces cristalizados, em compotas, em massas; associativismo; criação de caprinos; piscicultura; fruticultura; processamento de leite... Ah! foram tantos que nem me lembro mais. Mas sei que, de cada um deles, alguém conta uma experiência de sucesso: ou aumentou a renda, ou criou-se uma associação, ou melhorou-se a própria alimentação, aproveitando melhor os alimentos...

— É verdade, dona Pilar, a escola viabilizou muitos desses cursos e, sem dúvida, contribuiu para o desenvolvimento da nossa gente. É hora de mostrar a competência e a força da Caminhando e Construindo e de Cerradinho.

— Mãos à obra, moçada! Vamos pesquisar tudo que pudermos sobre agronegócios e sua importância na economia brasileira. Alunos, professores e todo o povo deste distrito estão convocados a pensar e colher informações: quem produz, o que produz, potencialidades, novas alternativas... – convocou a entusiasta diretora da escola.

E ainda completou dizendo que, durante as semanas seguintes, em dias alternados, reuniriam para traçar planos detalhados. Na terça-feira da próxima semana, marcariam datas e formariam comissões de organização geral e específica.

No percurso para casa, Rubi e Claudina voltaram a falar sobre feiras e casório.

— O noivado será neste sábado. Você é a primeira da escola a saber. Amanhã vou contar a todos e convidar os colegas, é claro! Mas você é a convidada de honra.

— Obrigada! E você que vivia dizendo que não acreditava muito nesse namoro... Eu tenho certeza de que serão muito felizes.

— A gente gosta muito um do outro. Mas tem um problema: terei que me mudar para Céu Azul.

— Minha amiga, que farei sem você aqui?!

— Rubi, e eu, o que farei? Sentirei muito a sua falta. Vou pedir remoção para a escola de Lajeado. Se não conseguir, terei que assumir aulas em Lagoa dos Patos, o que não gostaria, pois pretendo continuar nosso trabalho de formação de lideranças rurais, de desenvolvimento de alternativas para o campo.

— Mas esse casamento será assim, tão rápido?

— No final do ano, Rubi! Vamos à cidade providenciar tudo, na semana que vêm. Pretendemos marcar a data para cinco de dezembro.

— Minha nossa! Claudina, você vai nos deixar mais cedo do que eu imaginava. Campo Largo está perdendo para Céu Azul.

— Eu, Ananias e Céu Azul teremos um imenso prazer em te hospedar sempre que quiser aparecer! – disse Claudina abraçando a amiga.

— Serei a madrinha!

— Será a madrinha mais querida. Agora me diga: como estão as coisas em sua casa?

Rubi falou de Penélope e de como a participação na feira certamente alegrará a irmã. Depois, queixou-se de que nem ela nem Pê estavam satisfeitas com a situação dos pais: ele trabalhando como capataz na fazenda dos Mendes, e a mãe, há quatro dias lá para as bandas de Porteira Grande, ajudando a dona Amélia na fabricação de farinha. “É mandioca que não acaba mais”, tinha dito Eugênio, quando veio buscar a mamãe.

— Então, ela ficará ainda mais uns dias por lá?

— É, Claudina, e já fez compromisso para depois, com dona Emília, lá de Olhos d’Água. Você sabe, papai morre de desgosto de ver mamãe tanto tempo fora de casa. Mas ainda vamos comprar nossas terras! Eu e a Pê vamos batalhar até conseguir isso!

— Sei disso. Vocês são duras na queda!

E Claudina voltou a falar de Ananias, da pessoa simples que era e de sua ousadia. Era empreendedor nato! Contou que, lá na fazenda deles, era ele quem fazia as melhorias. Ele transformava tudo em negócio, aproveitando todos os recursos e espaços. E complementou, toda romântica:

— Rubi, você precisa ver como ele é gentil e inteligente.

Rubi correu para contar as novidades à irmã.

Penélope, em princípio, parecia não entender :

— Uma feira? Um casamento?! Desfile? Roupas? Noivado?

Por fim, a alegria. Abraçadas, as irmãs pulavam de felicidade, repetindo:

—Trabalho, negócios, dinheiro... Ah! e casório!

Uma festa, novos rumos!

No sábado rumaram, seu Aristides e suas moças, para a Fazenda Diamante. A noite prometia.

O pai coruja não cansava de elogiar as filhas:

— Quem diria! Minhas meninas são agora duas belas moças! Penélope, a talentosa, Rubi, a preciosa! Vocês são lindas e boas filhas!

E pensava em sua esposa: O que estaria fazendo a sua Eulina? Estava com saudades e sabia que a mulher também sentia falta dele e das filhas. Ah! aquela situação ainda teria fim! As economias advindas daquele esforço haveriam de valer a pena!

Na festa, como Rubi previa, Pê fez sucesso. Irenita, irmã de Ananias, foi uma das presentes que demonstraram grande interesse pelas costuras de Pê.

Com seu jeito cativante, Penélope ia fazendo amizades e registrando encomendas. Um pouco mais e lá estava ela dançando, toda graciosa.

— Claudina, quem é aquele com que está dançando minha irmã? Nunca o vi por aqui.

— Rubi, aquele é o Mateus, um dos primos de Ananias. Ele é de Eldorado. É gente boa, pode ficar tranqüila.

Rubi, observando a irmã dançar, em meio a uma animada conversa, se perguntava o que aquela menina estaria tramando.

Depois, também tratou de se divertir. Dançou, tirou fotos com Claudina, o noivo e colegas da escola. Vendo que Penélope continuava dançando com Mateus, ficou ainda conversando com os convidados sobre trabalho, diversão, família e... feiras. Finalmente, já cansada, chamou a irmã:

— Pê, acho que é hora de ir embora, papai deve estar cansado. Longe da mamãe, ele perde a graça.

Após as despedidas, já na saída, seu Aristides, ao perceber Mateus admirando a filha mais nova, incitou-o:

— Me diga, rapaz, havia na festa moças mais bonitas que as minhas?

— Claro que não – respondeu Mateus, meio tímido.

— Então, apareça lá em casa qualquer dia desses para visitar Penélope. Parece que você se apaixonou – provocou seu Aristides, brincalhão.

— Pai, lá vem o senhor com suas brincadeiras fora de hora. O Mateus é apenas um amigo e que me trouxe grandes idéias para a feira.



— Idéias... que idéias? — perguntou Rubi, eufórica.

— Rubi, você precisa mesmo ouvir as idéias de Mateus. São fantásticas!

— Então, que tal almoçar conosco amanhã? Vou preparar uma galinhada com guariroba, que é de dar água na boca!

Mateus agradeceu o convite e confirmou sua presença.

— Amanhã estarei lá, às 11 horas.

Almoço de negócios

O domingo amanheceu frio. Um solzinho aconchegante levou a maioria dos moradores de Campo Largo para a rua. Sentados em tocos de madeira, em frente à casa, seu Aristides, Penélope e Mateus conversavam animadamente, enquanto Rubi terminava o almoço.

Esta, enquanto esperava a galinhada ficar no ponto, pensava no que Mateus dissera à irmã, na noite anterior: uma feira que envolvesse todos os distritos do município, que apresentasse idéias, fatos, possibilidades, uma amostra das vocações e tendências de Lagoa dos Patos, uma oportunidade...

Foi interrompida por seu Aristides que, alegando apressar Rubi, tinha deixado os jovens a sós.

— Rubi, parece que sua irmã desencalhou. Talvez isso abra caminho para você – caçou seu Aristides.

— Olha, pai, quando eu casar e me mudar desta casa, o senhor ficará muito triste e saudoso, por isso vou demorar a arrumar um noivo – disse Rubi, dando o troco.

— Ah! menina convencida. Se demorar muito, passa do ponto – provocou mais uma vez seu Aristides.



— Vamos almoçar, que a fome está atingindo seus miolos, pai. Vá sentando à mesa que vou chamar os pombinhos.

O almoço transcorreu animado. Lembranças da festa de noivado, histórias da família, saudades de dona Eulina, o frio, a falta de chuva, a comida.

— Hum! a comida está deliciosa – não cansava de repetir o convidado. — Nunca comi uma galinhada tão gostosa em toda a minha vida. E este tutu! E esta guariroba! Isto é comida de se servir no restaurante da feira!

— E por falar em feira, Mateus, estou ansiosa para saber mais detalhes do que falou para Penélope. Parece uma idéia ousada, mas muito interessante!

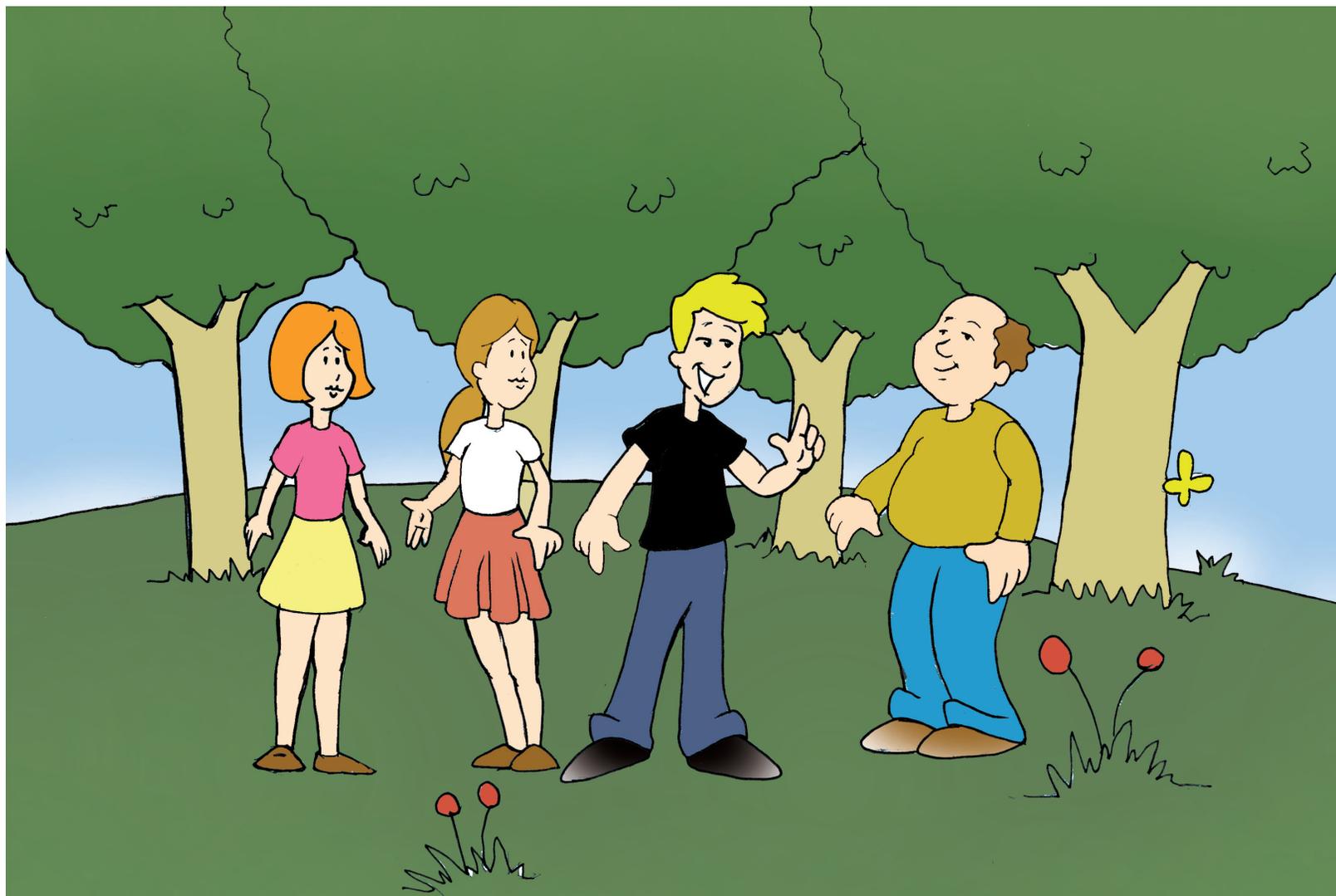
— E é, Rubi! Tenho visto e ouvido muitas coisas por este município. Amigos que trabalham na Prefeitura também têm me contado sobre os resultados do Progerar.

— Então, termine esse almoço logo e vamos conversar. Vou passar um café e iremos para o jardim. Quero saber de tudo!

— Rubi, calma! Mateus vai achar que você não tem educação! – atalhou Penélope.

— Pê, você sabe, perco a ponderação quando o assunto é negócios! E agronegócios, então...

A conversa no jardim foi proveitosa. Mateus contou que Lagoa dos Patos já se destacava no cenário regional pela crescente tendência ao agronegócio.



— Mantenho até hoje grande amizade pelos ex-colegas do curso de Técnicas Agrícolas. Como, no curso, tinha alunos de todas as bandas de Lagoa dos Patos e até de outros municípios, acabo sabendo das coisas de todos os lugares.

— Há negócios diversificados ou é basicamente a mesma coisa? – quis saber seu Aristides.

— Tem um pouco de tudo: o distrito de Chapadinha se especializou na exploração da cadeia produtiva da mandioca. Imagine que, além da Associação de Produtores de Mandioca de Manipueira, há duas outras associações, e uma delas administra uma usina de pré-processamento do produto, vendendo mandioca em pedaços, limpa, embalada e congelada, no ponto de ir para a panela.

— Mateus, dizem que lá estão fazendo silos de ramas e folhas da mandioca. É verdade?

— Rubi, isso é verdade. Acompanhei pessoalmente o processo de ensilagem, o que requer um trabalho criterioso, mas simples. E tem mais: estão desenvolvendo um processo de desidratação da parte aérea da planta. Já começaram a lançar no mercado, ou seja, a comercializar nas lojas de insumos de Lagoa dos Patos, pacotes com hastes e folhas secas, picadas. Esse alimento possui altíssimo valor nutritivo.

— Meu Deus, o que é a tecnologia! – espantou-se Penélope.

— Olha, Pê, pesquisas e estudos, especialmente os desenvolvidos pela Embrapa, têm proporcionado muitas possibilidades de exploração da cadeia produtiva dos alimentos, incrementando o agronegócio e impulsionando a agricultura familiar.

— E como é que o povo fica sabendo dessas novas tecnologias?

— Seu Aristides, esse é um grande problema. Muitas vezes, o resultado do trabalho dos pesquisadores não alcança os agricultores familiares; além do mais, muitas pessoas pensam que, só em ouvir falar da palavra tecnologia, já vai custar caro. E não é bem assim! Isso, uma feira de agronegócios pode ajudar a resolver!

— Como?

— Rubi, a feira poderá ter estandes de divulgação, de veiculação de novidades tecnológicas, de crédito, de comercialização.

— Rapaz, você pensa em tudo! – elogiou Rubi, com os olhos brilhando, ao imaginar a empolgação de Joel e Claudina, além da dos outros colegas, quando soubessem das novas idéias.

— E você, Mateus, o que faz realmente na roça?

— Pai, que pergunta!

— Ora, Pê, só estou querendo saber como esse rapaz inteligente explora as terras que tem. Curiosidade de cidadão – e sussurrando em tom brincalhão – e de pai que quer ver a filha bem casada!

—Pai!!!

Penélope corou-se. O pai estava brincando demais e deixando-a embaraçada.

Mateus é que parecia estar gostando. Mais faceiro do que nunca, tomou a mão de Pê e disse:

— Uma costureira talentosa faz alguma objeção a se casar com um criador de avestruzes?

— Ih! Pê, você vai poder fazer muitas roupas em couro de avestruz. Tô achando que é um bom negócio casar-se com Mateus!

— Até você, Rubi! Mateus vai achar que estou desesperada para casar! Esta situação está me constrangendo.

— Querida Penélope, não precisa se decidir hoje. aguardo sua resposta até... amanhã!

Todos riram da Pê. Ela estava mesmo sem graça, mas correspondia ao interesse do rapaz. Era certo que “já tinha dado namoro”!

Voltaram aos agronegócios. Mateus contava experiências bem-sucedidas dos quatro cantos de Lagoa dos Patos: as fábricas de biscoitos e as de doces, espalhadas nos vários distritos, administradas por associações diversas, umas formadas só por mulheres, outras por familiares e até uma só de jovens; as miniusinas de pré-processamento de hortaliças, de Campo Florido; os orgânicos da própria Cerradinho.

Rubi, Penélope e seu Aristides também conheciam muitas atividades que vinham sendo desenvolvidas no município. Mencionaram os pesque-pague; o de Baixadas era um show, diziam. O hotel-fazenda de Chapadinha e as várias trilhas ecológicas do distrito. A Caminhando e Construindo já havia levado os alunos para um “passeio sustentável”, lembrou Rubi, rindo do nome do projeto desenvolvido pela escola.

Por fim, falaram do empreendedorismo de Ananias.

— Rapaz bom é aquele! – reforçou seu Aristides.

— E vai se casar muito bem! – completou Rubi, realçando as qualidades da amiga Claudina.

Ananias gerava emprego em Céu Azul. Tudo na propriedade da família era negócio.

Os dejetos da pecuária viravam adubo. O minhocário produzia húmus, além de iscas. Os canteiros de ervas aromáticas tinham agora mercado certo: Ananias acabara de instalar uma miniusina de produção de geléias exóticas. Frutas da região e ervas, combinadas num mesmo pote, iam gerar dez empregos diretos e acrescentar sabor picante ao café de muita gente.

— O homem é mesmo danado! – repetiu seu Aristides. – Quem diria: misturar pimenta com abacaxi! Só mesmo alguém de coragem e visão!

— Isso é de família! – brincou Mateus, fazendo referência ao fato de ser primo de Ananias.

Contaram ainda muitas histórias: de outros Ananias, Mateus, Rubis, Penélopes e Aristides. Enfim, de gente que buscava, que fazia, que inventava, que acontecia!

— Outras tantas histórias certamente serão contadas na escola quando eu levar a idéia para discussão, na terça-feira. Uma grande feira municipal... Que belo negócio!

Feira de idéias

Na segunda-feira, Rubi começou a falar informalmente, para alunos e professores, das novas idéias para a primeira feira de agronegócios.

O assunto tomou conta da escola. O noivado de Claudina foi quase esquecido.

E choviam idéias: umas malucas, interessantes, arrojadas; outras lentas, medrosas, ponderadas...

Na terça-feira, a reunião ferveu!

Todos queriam falar: uns para incentivar, botar lenha na fogueira; outros para acalmar, mediar.

— Temos que convidar o presidente da República!

— Calma, gente, vamos convidar primeiramente o prefeito!

— O prefeito não será convidado, mas, sim, convocado! Precisamos de parceiros.

— Podemos expor os produtos da fábrica de adubos dos meus irmãos, Hermes e Cilene?

— Vamos convidar pesquisadores da Embrapa!

— Será que eles vêm?

— Precisamos de dinheiro!

— E onde faremos a feira?

— Será que virá muita gente?

— Gente, o Centro Universitário de Lagoa dos Patos é um grande parceiro! Já trabalhamos com a Faculdade de Administração. O professor Labor é bárbaro.

Rubi interrompeu:

— Acho que tanto podemos convidar muita gente como expor todo tipo de negócio. Segundo o Mateus, as feiras são, em nosso país, uma tradicional forma de facilitar a comercialização de produtos, de promover a integração social e a troca de idéias. Então, vale tudo!

— Rubi, podemos pensar também em diversão?

— Claro, dona Idalina! Eventos artísticos e culturais são pontos de atração numa feira.

A cantineira da escola de há muito vinha defendendo a idéia de promover um rodeio na vila. Algo tão bem organizado, tão bem-sucedido, que passasse a ser um evento anual, que

atraísse até a atenção de pessoas das cidades próximas. Então, novamente tocou no assunto:

— A feira poderia ser palco de um grande rodeio?

— Dona Idalina, sua idéia é fantástica! – aprovou o festivo César.

— Os rodeios conquistam uma legião de admiradores e, além do mais, envolvem muita gente em sua organização. É um negócio que gera vários outros negócios – informou a professora Joana D’Arc.

— A Penélope poderá não só expor suas roupas como também organizar um desfile de moda com modelos de Campo Largo e de Cerradinho. É uma ótima oportunidade para descobrirmos outros talentos!

— Claudina, sua idéia é muito boa.

— E a Claudina pode casar-se na feira? – perguntou uma de suas alunas.

— O quê?! – assustou-se a noiva.

— Nunca vi isso acontecer! Aí já é demais – comentou seu Jânio, o presidente do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Cerradinho.

— Seu Jânio, pode acreditar que isso não seria novidade!

E Joel passou a contar sobre vários eventos já realizados em feiras pelo Brasil afora. Havia pesquisado na internet, no final de semana, e estava mesmo afiado no assunto: feiras de agronegócios, feiras de cooperativas, feiras do comércio, da agricultura, feiras de livros, de tecnologia e até de idéias.

— Geralmente, as feiras incluem, em sua programação, cursos e oficinas, não é, Joel?

— É sim, Rubi. E também palestras, encontros, mesas-redondas e até assembléias para a definição de novos rumos, diretrizes para determinados programas de negócios...

— Joel, como são essas oficinas? – quis saber dona Pilar.

— Bem, nelas o participante tem aulas práticas dos mais variados temas, conforme as necessidades e as curiosidades das pessoas que freqüentarão o evento. Vão desde a manipulação de ervas à criação de abelhas, peixes, minhocas... Normalmente, o aluno paga uma certa quantia para cobrir as despesas com material e os honorários de professores.

— Bom, já sabemos o que poderemos fazer, os parceiros que poderemos mobilizar, as diversões que poderemos oferecer. Nosso tempo de hoje acabou. Proponho formarmos uma comissão para apresentação do projeto à Prefeitura de Lagoa dos Patos.

Todos concordaram com a diretora e, naquele mesmo dia, foi votada a comissão que registraria o projeto e o levaria ao conhecimento da Prefeitura.

Joel, Claudina, Rubi e Joana D’Arc representariam os docentes. Dona Idalina e a secretária escolar, Dinorá, os demais funcionários. Seu Jânio e seu Agenor, os conselhos comunitários. Os alunos Ronaldo e Ester, e os representantes dos pais, dona Nilda e seu Caetano, também compuseram a comissão.

Ficou decidido que primeiramente apresentariam o projeto ao professor Rodolfo Labor, da Faculdade de Administração de Lagoa dos Patos, já conhecido companheiro da Caminhando e Construindo em seus projetos. Aproveitando a ocasião, ele seria convidado a compor a comissão.

Depois, agendariam com o prefeito. E, antes do recesso de julho, voltariam a se reunir em assembléia para formar as demais comissões e definir novas ações.



Encontro de interesses

O professor Rodolfo Labor aplaudiu a idéia. Aceitou de pronto colaborar e participar ativamente. Sugeriu o nome de colegas que também poderiam contribuir, tanto na organização do evento como ministrando palestras e oficinas, e também mediando discussões e deliberações das mesas-redondas.

A idéia criava corpo: cabeça, membros e coração. As pessoas se envolviam, pensavam, faziam e se apaixonavam pela feira de agronegócios.

Chegou o dia do encontro com o prefeito. A comissão estava temerosa, pois, apesar de saberem que a Prefeitura interessava-se pelo desenvolvimento das comunidades rurais, prova disso era o Progerar, receavam não encontrar o apoio necessário para a implementação de um projeto tão vultoso. Sabiam da importância das parcerias e da capacidade de mobilização da Prefeitura.

O professor Labor tentava animá-los:

— Tenha confiança, gente, o prefeito é um homem experiente e sensível às questões do campo. Ele sabe que o desenvolvimento de um município é diretamente proporcional ao conhecimento, ao empreendedorismo e ao engajamento de sua gente. Além do mais, já promoveu vários cursos de capacitação para a formação de lideranças comunitárias. A iniciativa de todos nós é o exemplo de que já renderam frutos.

Enfim, a comissão foi chamada ao gabinete. Depois das devidas apresentações e cumprimentos, o projeto foi então apresentado.

À medida que o prefeito lia, o temor dos membros da comissão foi-se dissipando. Os olhos do chefe do Executivo confienciavam a surpresa e o interesse que o projeto despertava.

— Amigos de Cerradinho, tenho a grata satisfação de colocar à disposição de vocês uma equipe bem preparada para assessorar a organização e a realização da feira de agronegócios.

E o prefeito falou dos limites e das possibilidades da Prefeitura e do município. Disse também que convocaria todas as parcerias possíveis, até de outras regiões, especialmente técnicos da Embrapa, que tem muitas pesquisas a serem apresentadas. Arcaria com custos, além de participar compondo a comissão geral.

Lembrou experiências exitosas do município, no ramo dos agronegócios, que, segundo ele, não poderiam ficar de fora: a produção de cenourete de Campo Florido, os pães de queijo de Olhos d'Água, a indústria artesanal de artigos de pesca de Porteira Grande, os queijos, os doces, as farinhas, os polvilhos e os criatórios de aves exóticas e até dos frangos caipiras de Eldorado, criados, abatidos e embalados no povoado e comercializados em vários municípios vizinhos.

Falou que os negócios em torno da agricultura e da pecuária tornaram-se o principal motor da economia brasileira nos últimos 30 anos.

— Sabiam que as maiores feiras de agronegócios estão ampliando a área de exposição para produtos direcionados à agricultura familiar, havendo inclusive algumas especializadas em transferência de tecnologias para micro, pequenas e médias propriedades?

— A agricultura familiar é um segmento em expansão. Os mais de 4 milhões de estabelecimentos rurais com características familiares geram uma produção anual de 57 bilhões, o que equivale a 40% do PIB da agricultura brasileira – complementou o professor Labor.

O prefeito discorreu também sobre a necessidade de cobrar pequenas taxas para a participação nas oficinas, que, além de ajudar a cobrir os custos, levava os participantes a assumir responsabilidades com o próprio desenvolvimento.

Por fim, trocaram mais idéias e definiram um prazo de sete dias para que a Prefeitura pudesse conhecer e analisar mais detalhadamente o projeto, a fim de definir propostas realmente viáveis e designar funcionários para a empreitada.



(Con)vocação

Durante esse período, a escola ficou em polvorosa. Conversa aqui, registra ali, reúne acolá, abre mão de um lado, apazigua de outro... Cada um foi pensando formas de ajudar, de contribuir, tanto na organização e na realização da feira quanto na reorganização das comunidades.

Nesse processo de reflexão e pesquisa, muitos conflitos foram mediados e muitas alternativas de agronegócios foram surgindo.

Após os estudos realizados por técnicos da Prefeitura, em parceria com a comissão, decidiram fazer uma grande reunião. Convidaram representantes de todos os 53 Conselhos de Desenvolvimento Comunitários e das diversas associações de todos os distritos, além de diretores, supervisores, professores e alunos de todas as escolas rurais, proprietários de empresas dispostas a financiar projetos de desenvolvimento sustentável, a imprensa local, representantes da Universidade de Lagoa dos Patos, enfim, pessoas de diversas atuações, mas com interesses comuns. Apresentaram o projeto e definiram muitos rumos.

Algumas lideranças, porém, não compareceram, demonstrando ainda uma certa imaturidade no processo de mobilização de vontades. Mas a reunião contou com expressiva representatividade.

A Feira de Agronegócios Educação e Cidadania: Estratégias para o Desenvolvimento Sustentável seria realizada nos dias 3, 4, 5 e 6 de dezembro, nas terras de dona Clotilde, que, por cortesia, emprestara uma área de aproximadamente 10 mil metros quadrados. Ali seriam armados os estandes, o palco para shows e a arena de rodeios.

A infra-estrutura necessária seria garantida pela Prefeitura.

Todos os distritos de Lagoa dos Patos ficariam responsáveis pela feira. Por isso, sete comissões específicas foram formadas: a Comissão Violeta, composta por gente de Campo Florido, cuidaria das atrações culturais e artísticas; a Comissão Anil, de Matinha, das oficinas; a Comissão Azul, de Chapadinha, da hospedagem e do transporte; a Comissão Verde, de Baixadas, da praça de alimentação; a Comissão Amarela, de Ipê-Branco, da organização das palestras e mesas-redondas; a Comissão Laranja, do distrito-sede, da cerimônia de abertura e de todos os protocolos e, por fim, a Comissão Vermelha, de Cerradinho, que se ocuparia da organização dos estandes de exposição e da divulgação de tecnologias aplicáveis à agricultura familiar, dos produtos agrícolas e não-agrícolas e dos serviços da região.

A alusão às cores do arco-íris fora proposital: a superposição de esforços das pessoas dos vários distritos culminaria na integração social em prol de um só interesse, o desenvolvimento comunitário.

Tempo de férias e de feira

Durante as férias escolares, as comissões de organização da feira começaram a se articular. Teriam quase cinco meses para planejamento, contatos e execução das tarefas necessárias.

Penélope, embora não fizesse parte de nenhuma comissão, não parava de trabalhar um só minuto.

— Pê, eu sou o rapaz mais carente de Eldorado. Tenho uma namorada que não me namora! Isso não é justo!

— Mateuzinho, querido, escute: um criador de avestruzes só poderá se casar se for com uma costureira criativa e empreendedora. Portanto, vê se me deixa trabalhar! – dizia Pê, fingindo estar brava com o namorado.

Ela dividia seu tempo entre as costuras e a organização do desfile que faria no centro da feira, logo no seu primeiro dia.

Rubi não parava mais em casa. Vivia pra cima e pra baixo com Claudina ou Joel, ou com ambos. Aliás, Joel nunca precisara tanto de ajuda em suas pesquisas pela internet. Virava e mexia, estava lá, em Campo Largo:

— Rubi, minha jóia rara, preciso que me ajude a selecionar umas informações. Você é tão perspicaz! Sabe, como ninguém, separar o útil do supérfluo.

Penélope não pôde deixar de rir ao ouvir aquela didática declaração de Joel. Ia brincar com o rapaz, mas acabou desistindo ao se lembrar do próprio constrangimento com as brincadeiras que o pai fazia no início de seu namoro. Limitou-se, então, a balançar a cabeça, voltando às suas costuras: saias, blusas, calças, casacos de todos os modelos, de todos os tons.

A mãe, dona Eulina, foi intimada a não sair mais de casa. Ajudava Pê nos arremates, na compra de aviamentos. Para seu Aristides, o acúmulo de trabalho das filhas, pelo menos por hora, estava solucionando um problema: trouxera, de volta para casa, sua querida esposa.

Claudina e Ananias, pressionados pelos amigos, acabaram se decidindo pela realização do casamento na feira. “A Comissão Violeta organizará o espaço físico e ficará um brinco”, garantiram.

Quitutes típicos da região seriam servidos, num coquetel descontraído, aos convidados.

Assim, entre andanças, costuras, decisões, as férias se foram.

A feira estava por vir.

A escola voltou a ser o centro de discussões e decisões sobre a feira. Todas as semanas, a Comissão-Geral se reunia. A Prefeitura de Lagoa dos Patos também passou a ser palco de encontros entre as comissões. O prefeito estava quase sempre presente. Certos parceiros, como a Universidade, o Banco do Brasil, a extensão rural, os sindicatos dos produtores e dos trabalhadores rurais, não faltavam nunca. Empresários e representantes de outros órgãos públicos também participavam ativamente.

Em pouco tempo, tudo estava organizado.

— Agora é só ir cuidando de pequenos detalhes!

— Isso mesmo, dona Pilar. O trabalho destinado à escola está praticamente pronto. Agora temos que criar o pôster com a relação dos eventos da feira e encaminhá-lo à gráfica em Lagoa dos Patos.

— Essa parte, Rubi, você e o Joel farão com perfeição, tenho certeza!

— Faremos um esboço e o levaremos para avaliação na próxima reunião geral. Formamos uma dupla e tanto, não é mesmo, Rubi? – disse Joel, que já não escondia mais seu interesse pela moça.

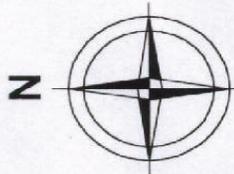
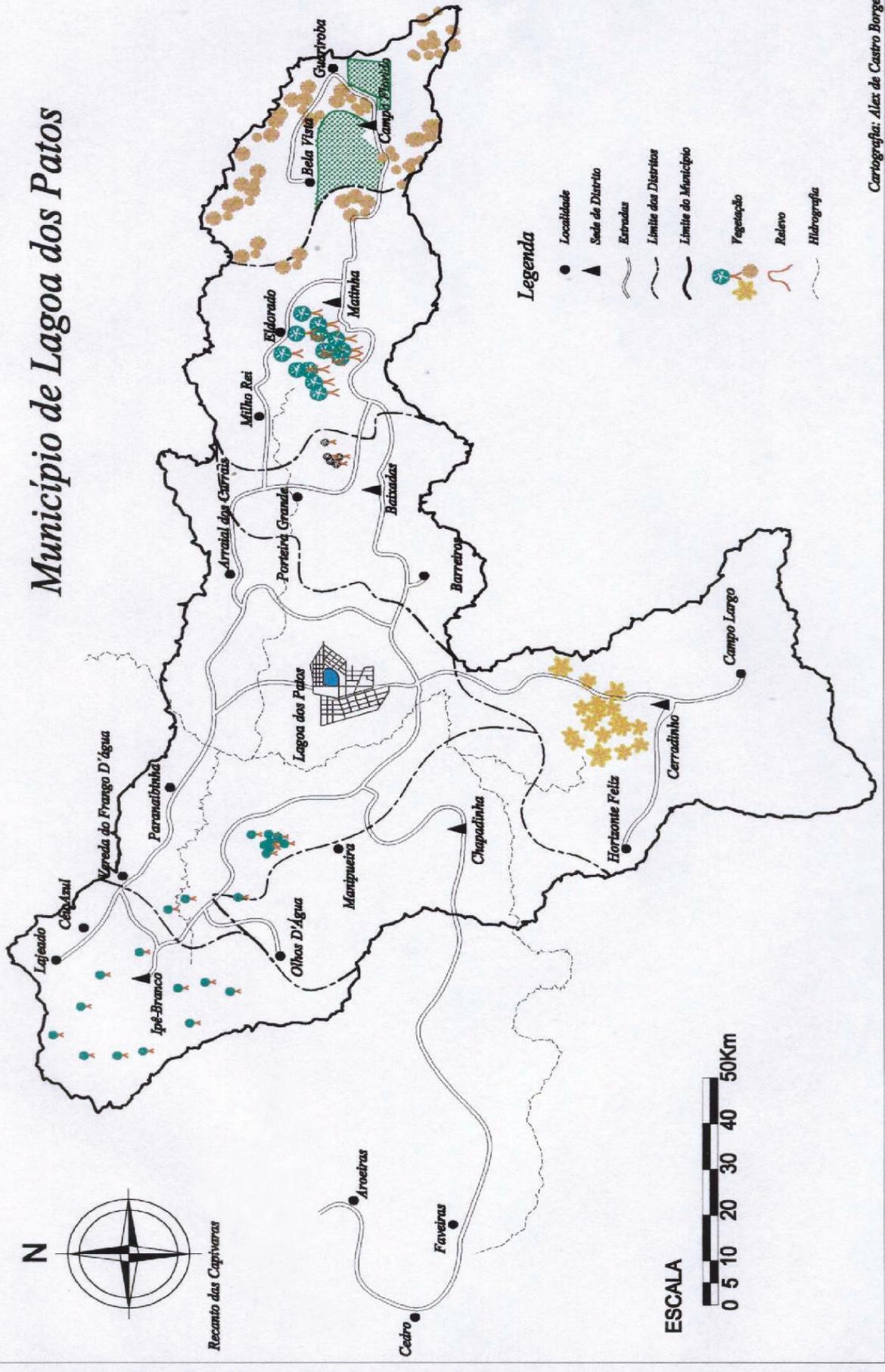
Assim, em meados de outubro, os pôsteres, o mapa do Município de Lagoa dos Patos e as fichas de inscrição para as oficinas começaram a ser espalhados.



<h1 style="color: red; text-align: center;">Feira de Agronegócios</h1> <p style="color: red; text-align: center;">Educação e cidadania: estratégias para o desenvolvimento sustentável</p> <p>Período: 3, 4, 5 e 6 de dezembro Local: Cerradinho/Lagoa dos Patos</p> <p>A Feira de Agronegócios é uma ação conjunta de agentes públicos e privados, voltada para a implementação do agronegócio regional. Consiste em um centro de intercâmbio de idéias, experiências e tecnologias e de oportunidade de realização de negócios, envolvendo toda a cadeia produtiva do setor agropecuário regional.</p> <p>Objetivo: Incrementar o desenvolvimento e a economia microrregional por meio de geração de novos agronegócios e difusão de tecnologias.</p> <p style="text-align: center;">Organização</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prefeitura Municipal de Lagoa dos Patos • Escola Municipal Caminhando e Construindo • Conselhos Comunitários • Representantes dos Distritos do Município de Lagoa dos Patos • Faculdade de Administração de Lagoa dos Patos <p style="text-align: center;">Parceiros</p> <ul style="list-style-type: none"> • Embrapa • Banco do Brasil • Centro Universitário de Lagoa dos Patos • Emater 	<ul style="list-style-type: none"> • Senar • IEF • Escolas Municipais • Empresas da iniciativa privada do setor agropecuário • Imprensa local <p style="text-align: center;">Programação</p> <p>Dia 3 de dezembro 8h - Cerimônia de abertura 9h - Palestra: Qualidade de vida no campo: uma questão de responsabilidade social e política 14h às 18h - Oficinas 20h - Desfile de moda: Coleção Penélope Campos</p> <p>Dia 4 de dezembro 8h - Palestra: A nova ruralidade 10h - Mesa-redonda: A formação de jovens líderes rurais 14h às 18h - Oficinas 20h - Rodeio e show com artistas locais</p> <p>Dia 5 de dezembro 8h - Palestra: Empreendedorismo e desenvolvimento sustentável: mudanças do paradigma econômico 10h - Mesa-redonda: Crédito agrícola/Pronaf 14h às 18h - Oficinas 20h - Rodeio e show com artistas locais - Casamento de Claudina Vaz e Ananias Couto (convite especial)</p> <p>Dia 6 de dezembro 8h - Palestra: Associar para competir 10h - Mesa-redonda: Projetos comunitários e avaliação de impactos sociais 14h às 18h - Oficinas 20h - Rodeio e show com artistas locais</p>	<p style="text-align: center;">Cronograma de oficinas</p> <p>Dia 3 de dezembro Oficina 3.1: Estratégias de marketing Oficina 3.2: Ética e ecologia Oficina 3.3: Criação de animais exóticos: paca, capivara, cateto, perdiz, avestruz Oficina 3.4: Fabricação de cachaça Oficina 3.5: Operação e manutenção de tratores</p> <p>Dia 4 de dezembro Oficina 4.1: Hidroponia Oficina 4.2: Produção de hortaliças orgânicas Oficina 4.3: PatchWork: técnica de arte em retalhos Oficina 4.4: Desidratação e cristalização de frutas Oficina 4.5: Saúde na infância e na adolescência</p> <p>Dia 5 de dezembro Oficina 5.1: Cultivo e resinagem de pinus Oficina 5.2: Produção de doces em calda e em massa Oficina 5.3: Pré-processamento de frutas e verduras Oficina 5.4: Como fazer temperos utilizando ervas aromáticas e medicinais Oficina 5.5: Regras de embalagem e rotulação de hortifrúteis</p> <p>Dia 6 de dezembro Oficina 6.1: Floricultura Oficina 6.2: Artesanato do vestuário, de rendas e bordados Oficina 6.3: Produção de doces de frutas do Cerrado Oficina 6.4: Recuperação de pastagens degradadas Oficina 6.5: Produção de derivados do leite</p>
---	--	--

A Prefeitura fez ampla divulgação do evento em sua mesorregião. Por meio de seu site na internet, das emissoras de rádio e televisão locais e regionais, dos jornais de circulação no município e os da região, espalhou a notícia da feira aos quatro ventos. Não seria por falta de publicidade que aquela iniciativa empreendedora e arrojada não se tornaria um sucesso, de público e de resultados.

Município de Lagoa dos Patos



Recanto das Capivaras

Legenda

- Localidade
- ▲ Sede de Distrito
- Estradas
- - - Limite dos Distritos
- Limite do Município
- Vegetação
- Relevo
- Hidrografia

ESCALA



Cartografia: Alex de Castro Borges

No campo dos negócios

Cerradinho nunca havia visto tanta gente. Era um vai-e-vem de deixar qualquer um tonto.

Expectativas, sorrisos, intercâmbio de idéias e muitos negócios realizados – o balanço da feira foi positivo. Na solenidade de abertura, muitas autoridades ressaltaram a importância daquela iniciativa e do Progerar, que já estava gerando frutos.

Trinta empreendedores deram o tom e o sabor da feira: doces, quitandas, farinhas, geléias, adubos, hortaliças orgânicas, peixes, aves exóticas e as conhecidas caipiras, rações, queijos, artesanato do vestuário e de cama e mesa e, acreditem, até figos limpos, prontinhos para virar compotas ou cristalizados – uma idéia de dona Perpétua –, além de muitos outros alimentos pré-processados, flores, mel, balas de mel e de leite e mapas do tesouro convidando a trilhar o campo.

Pesquisadores da Embrapa e extensionistas rurais apresentaram alternativas diversas de tecnologias para a exploração de novas e velhas cadeias produtivas, estratégias de comercialização, máquinas processadoras de hortaliças, como a torneadora de cenoura, que facilitava o trabalho que, até bem pouco tempo, era manual. Entretanto, o equipamento que mais chamou a atenção foi o coletor solar, usado para desinfestar substrato utilizado na produção de mudas, porque, além de simples, barato e fácil de ser construído na propriedade rural, não causava riscos ao homem ou ao ambiente. O descascador manual de amendoim atraiu, de cara, o interesse de dona Coralina, que sempre pensara em vender amendoins limpos, torrados e até moídos, mas nunca se animara a descascá-los sozinha, um por um.

O fato é que a feira foi uma grata surpresa, principalmente para os organizadores que, sem querer criar muita expectativa sobre a presença de público e a realização de vários negócios, viram-se altamente recompensados com o enorme sucesso da primeira edição. E, desde já, planejavam a segunda feira de agronegócios, a terceira, a quarta...



Aquela feira representou também uma aula prática de economia, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável. Revelou talentos empresariais, artísticos e habilidades até então pouco conhecidas entre os próprios organizadores.

As oficinas não foram bastantes para atender ao enorme interesse e entusiasmo dos participantes. Muita gente saiu jurando que mudaria o rumo de sua vida.

Os debates suscitados pelas mesas-redondas revelaram novas atitudes e o desejo de conhecer, fazer e ser diferente. Muita gente aprendeu, muita gente ensinou.

E os eventos artísticos? As vozes seletas de Curió e Sabiá encantaram até mesmo quem já as conhecia. O rodeio foi o ponto alto das noites em Cerradinho: versos, pulos, tombos, sustos agitaram crianças e adultos, moças e rapazes, receosos e destemidos.

O casamento de Claudina e Ananias vai dar o que falar por muito tempo, pelo inusitado, pela magia, pelos quitutes e pelo vestido da noiva...

E por falar em vestido... Penélope também brilhou naquela feira: vestiu a noiva e se revestiu de possibilidades. Suas roupas atraíram a atenção de muitos, especialmente a de lojistas de Lagoa dos Patos. Precisaria agora ampliar sua produção, gerando empregos na redondeza, inclusive para dona Eulina, para a alegria de seu Aristides.

—Pê, minha estrela, que bela dupla nós formamos! Somos um casal pluriativo. Agora dá pra falar sério em casamento?!

—Mateuzinho, do nosso eu ainda não sei, mas, pelo jeito de Rubi e Joel, acho que não vão esperar até a próxima feira!

Ah! a história não pára por aqui.

Algumas feiras depois, tendo as filhas já casadas, as economias aumentadas pela ajuda de Rubi, Pê e genros... de ouro, seu Aristides e dona Eulina cuidavam da própria terra. Incentivados pelos conhecimentos adquiridos nos tantos estandes e pelas experiências oferecidas pela vida, o casal trilhava os caminhos do agronegócio: ervas para as geléias de Ananias e Claudina aromatizavam a lida; queijo frescal e ricota, comercializados no Armazém do Produtor Familiar, mais uma iniciativa fomentada pelo Progerar, concretizavam o desejado regresso à terra.



glossário

Arrumar porco e vaca: desossar e preparar o animal de forma a deixar a carne pronta para armazenamento ou consumo.

Casal pluriativo: casal que se ocupa de atividades variadas que, no campo, tanto pode incluir atividades agrícolas como não-agrícolas, como artesanato, indústria caseira de doces e biscoitos, guia turístico, e outras.

Construindo currículos participativos: criando programas de ensino do qual professores, alunos e a comunidade participem ativamente.

Contextualizando a educação: desenvolvendo um programa de ensino de acordo com a realidade específica, vivida pelo aprendiz.

Dejetos: fezes.

Desenvolvimento sustentável: aquele que pode se manter por mais tempo, não pondo em risco o ar, a água, o solo e a vida vegetal, dos quais dependem nossa vida e a das futuras gerações.

Desinfestar substrato com coletor solar: controlar as doenças de plantas causadas por microorganismos que habitam o solo, utilizando energia solar.

Desmanchar mandioca: reduzir a mandioca a farinha; farinhada.

Disseminar uma nova cultura cooperativa e empreendedora: divulgar hábitos de cooperação e de ação empreendedora na comunidade.

Ensilagem: processo de cortar a forragem, colocá-la no silo, compactá-la, protegê-la e vedá-la, para que não haja fermentação.

Estratégias: ato de aplicar, da melhor maneira, os recursos disponíveis para alcançar os objetivos propostos.

Fôlder: material impresso, com duas ou mais dobras, de divulgação de eventos.

Insumos: tudo aquilo que se emprega na produção de um produto, como: máquinas, equipamentos, adubo, trabalho humano, etc.

Mediando as discussões e deliberações: intervindo em discussões ou decisões, de forma a orientar, apaziguar, estimular os participantes, para impedir que entrem em conflito ou se desviem do assunto em discussão ou deliberação.

Mesa-redonda: reunião de pessoas que discutem ou decidem, em pé-de-igualdade, algum assunto.

Mesorregião: parte de um território com muitas características em comum, isto é, com as mesmas atividades econômicas, grau de desenvolvimento semelhante, além de hábitos e valores em comum. A mesorregião é maior do que a microrregião, mas menor do que um estado.

Novas dinâmicas do mercado: novas estratégias utilizadas no mercado.

Piscicultura: arte de criar e multiplicar peixes.

Produtos orgânicos (principalmente hortaliças): alimentos produzidos sem o emprego de fertilizantes sintéticos ou agrotóxicos.

Quinhão: a parte de algum patrimônio que cabe a cada indivíduo com direito a ele.

Silos: local destinado ao armazenamento de cereais ou forragem verde.

Usina de pré-processamento do produto: fábrica que prepara o produto, selecionando-o, esterilizando-o, cortando-o e embalando-o, para facilitar o seu preparo pelo consumidor.

Valorizando os saberes locais: dando importância primordial à cultura, aos hábitos e às tradições de uma determinada comunidade.

Viabilizou várias capacitações: proporcionou meios para a realização de vários treinamentos de pessoas para determinadas atividades.

Impressão e acabamento
Embrapa Informação Tecnológica



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Este livro integra a Série Educação e Cidadania, projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Embrapa. Representa um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento sustentável, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

Uma feira de idéias é uma criação coletiva da qual participam educadores, escritores, artistas gráficos e ilustradores. É um incentivo a práticas educativas baseadas em novas formas de abordagem e intervenção no contexto rural. Retrata nuances da vida no campo, mesclando a coragem e o desejo das personagens, similares aos da nossa gente.



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



CGPE 4595